



COVID-19 Em um ano normal, hoje aconteceria a abertura oficial da folia na capital; com a pandemia, Salvador amanheceu sem festa, com foliões saudosos

Quinta de Carnaval como um outro dia qualquer

BRUNO BRITO*

Em tempos normais, Salvador amanheceria, nesta quinta-feira, em clima absoluto de carnaval. A cidade, a partir de hoje, estaria sob o comando do Rei Momo, enquanto os abadás seriam as peças de roupa mais usadas nos próximos dias. No entanto, diante da pandemia da Covid-19, o cenário visto é bem diferente. Atualmente, são as máscaras de proteção que ditam as vestes, enquanto os circuitos da folia não recebem trios ou as estruturas dos camarotes, tão característicos neste período.

Na Barra, os tapumes que impedem o acesso à praia em alguns pontos, nada lembram o circuito Dodô, que recebe milhares de pessoas nos dias de folia. O mesmo acontece no circuito Osmar, no Campo Grande, que é o mais tradicional da festa momesca e não contará com o desfile dos trios em fevereiro. Além do circuito Batatinha, no Centro Histórico, que é marcado pelos clássicos blocos afóxé.

O Ilê Aiyê, por exemplo, mais antigo bloco afro do carnaval de Salvador, é um dos que deixará saudade. Sem a previsão de realizar nenhum evento neste momento, como lives em redes sociais, em função do alto custo, a expectativa é de que os desfiles do bloco fiquem na memória dos foliões.

“A essa altura, já teríamos entregado nossas fantasias, já teríamos feito a escolha da Deusa do Ebano. É triste, todos estão lamentando a falta do carnaval, tanto o Ilê, como outros blocos. Não estaremos fazendo nada, até porque uma live tem custo alto. Acho que o governo e a prefeitura poderiam estar incentivando alguns segmentos para mostrar um pouco. Mas é algo que ficará apenas entre os artistas que conseguiram patrocínio. De resto, ficaremos apenas na lembrança”, afirmou Antônio Carlos dos Santos, o Vovô do Ilê.

Quem também não marcará presença em Salvador nesse período são os trios elétricos, que são peças essenciais da festa momesca. Diferente do que é esperado em uma quinta de carnaval, eles ficarão apenas na memória dos filões neste ano. Ao invés de estarem arrastando multidões, seguirão guardados em galpões, esperando uma definição sobre a festa, se ocorrerá ainda neste ano ou apenas em 2022.

“Era dia de estarmos saindo com os trios decorados do parque, para se posicionar no circuito. Eu enxergo a quinta-feira de hoje como se fosse um filme em preto e branco, enquanto nossa quinta de carnaval é um filme colorido, alegre. O sentimento que te-



Raphaël Müller / Ag. A TARDE

Sem festa e foliões, trios elétricos estão guardados em galpões e proprietários aguardam nova data para folia



Adilton Venegeroles / Ag. A TARDE

No Campo Grande (Circuito Osmar), nada de camarote



Adilton Venegeroles / Ag. A TARDE

Na Barra, os tapumes bloqueiam o acesso à praia

lembra.

Já para Geraldinho Adinho, proprietário dos trios RG, lidar com a não realização do carnaval é terrível, sobretudo, em função das famílias que dependem do setor para trabalhar. Ele se recorda ainda que hoje seria dia dos trios serem vistoriados e, posteriormente, aguardar o momento de des-

“Não estaremos fazendo nada, até porque uma live tem custo alto”

VOVÔ DO ILÊ

mos é de frustração e tristeza”, lamentou Beto Ramos, business de trio elétrico.

Segundo o empresário, que disponibiliza trios para o bloco ‘As Muquiranas’ e para artistas como Ivete Sangalo, é muito estranho ver os veículos parados nos galpões. No entanto, ele entende que é necessário, em função do cenário de pandemia. Ele ressalta, inclusive, que acredita ser muito difícil a realização da festa em julho.

“Costuma ser um período de muito trabalho, então o sentimento é de vazio, não dá para explicar. De fato, não há 33 anos consecutivos e, do nada, para. Hoje, os trios estão no galpão, parados, nem de longe é o que estamos acostumados a ver. Quando falamos em trio, remetemos a aglomeração e alegria”,

filhar nos circuitos.

“Nossos trios estariam sendo vistoriados no Parque de Exposições, para que pudessem ir para a avenida. Após a vistoria, nós esperamos a indicação para levá-los até os respectivos circuitos, é algo que depende de cada bloco”, explica.

O empresário acredita que, mesmo que a festa ocorra em outra data de 2021, será algo reduzido. “Fica inviável, a esperança é a vacina. Esperança eu tenho, esperar que consigamos vacinar, para que seja liberado. Mas diante dos problemas que estamos vendo, acho difícil”.

Momo

A quinta-feira seria, ainda, de entrega das chaves ao Rei Momo, marcando o início

do Carnaval. De acordo com o coordenador do concurso de Momo, Reginaldo Santos, não realizar o ato de entrega da chave faz uma falta muito grande. No entanto, ele entende que só será possível repetir esse momento após a população ser vacinada, garantindo a segurança da festa.

“Hoje estaríamos realizando a entrega das chaves. Ver uma quinta de carnaval, sem esse momento é doloroso, muito triste, por tudo que o carnaval representa para a sociedade, para a economia e para a cidade, de modo geral. Entendemos o momento, mas não podemos dizer que ficamos felizes ou satisfeitos”.

* SOB A SUPERVISÃO DO EDITOR INTERINO RAFAEL TIAGO NUNES

“Pensar em Carnaval por lives é pensar em ausência”

RAPHAEL SANTANA

Durante o período do Carnaval, as ruas costumam ficar lotadas na capital baiana, que chega a atrair mais de dois milhões de foliões, entre baianos e turistas. Nos seis dias de festa, a cidade se transforma. São estruturas gigantescas, movimento intenso, multidão e muita vibração. A antropóloga Goli Guerreiro critica esta nova modalidade de se fazer carnaval por meio de lives.

“Pensar em carnaval por lives, sem multidão, é pensar em ausência. Isso que está sendo chamado de carnaval está completamente distanciado da alma dessa festa: corpos na rua se encontrando, se tocando, experimentando. O fator estético, que é a multidão, não vai existir. Para um lugar como a Bahia, onde o carnaval é a expressão máxima de uma cultura, esse modelo é, no mínimo, uma tristeza”, avalia.

O jornalista e pesquisador Nelson Cadena acredita que a mudança na relação do folião para com a festa, no contexto da pandemia, será algo inusitado na história. “O carnaval nunca deixou de ser realizado, inclusive nos momentos mais críticos, como na Primeira Guerra Mundial, durante a invasão sertaneja (1920) e na Revolução de 1930. O que houve em outras situações foi o adiamento por uma ou duas semanas, por causa da chuva”, detalha.

Carnaval na tela

Grandes nomes da música baiana e destaques no Carnaval de Salvador decidiram fazer transmissões ao vivo, por meio de redes sociais e plataformas de streaming, nesta semana. Com isso, o folião vai ter a oportunidade de se divertir e, claro, matar a saudade da festa. A cantora Ivete Sangalo, em entrevista ao Anotar Bahia, falou sobre a expectativa para a “Live de Carnaval”, que fará ao lado de Cláudia Leite, no sábado.

“Já estamos com tudo pronto: repertório, cenário, a alegria e a vontade de fazer. Para nós, passar esse tempo longe da folia é bem diferente, embora necessário. Estamos fazendo com que nossa alegria chegue na casa das pessoas através dessa live”, disse.

A programação do carnaval das lives vai contar com outras apresentações: Daniela Mercury, nesta sexta-feira, 12; Léo Santana, Harmonia e Parangolé se reúnem para a “Live do Encontro”, neste sábado, 13. No mesmo dia, o Bailinho de Quinta comanda uma live às 19h. Já Bell Marques apresenta o “Brilhaê Camaleão” no domingo, 14. Os shows serão transmitidos, ao vivo, nas redes sociais e no canal oficial dos artistas no YouTube.

‘Arquibancasa’: sem festa, folião promete fazer festa adaptada

RAPHAEL SANTANA

Os sons do batoque, da movimentação nos corredores, da música alta e da animação, típicos de carnaval, vão ganhar um novo cenário em 2021, por causa da pandemia da Covid-19, que provocou a suspensão da festa neste ano e ainda não tem data para realização. A folia momesca, que seria realizada de 11 a 16 de fevereiro – não só nos circuitos oficiais Dodô (Barra-Ondina), Osmar (Campo Grande) e Batatinha (Centro

Histórico), como também nos outros distribuídos pela cidade – agora será improvisada sem os tradicionais trios elétricos nos cômodos das casas e apartamentos.

O advogado Edmundo Viana Júnior, de 36 anos, promete fazer a festa com direito a abadá. “No domingo, vou acompanhar a live de Bell Marques ao lado de amigos na varanda de casa, e todo mundo devidamente vestido com o abadá do bloco Camaleão”, conta ele, que mora Dois de Julho, em Sal-

vador, e é fã do cantor há mais de 20 anos. Edmundo despertou o interesse pelo bloco quando ainda era adolescente, incentivado por sua mãe, que também é tiete de Bell Marques.

Quem também vive a expectativa do carnaval adaptado é o profissional de relações públicas Everton Santos, de 34 anos. “Assim que fiz 14 anos, a idade mínima para sair em bloco, comecei a sair e nunca mais deixei o Camaleão. Para não perder o clima do carnaval, irei de-



Uendel Galter / Ag. A TARDE

Edmundo vai se reunir com amigos para curtir as lives

corar a casa, comprar algumas bebidas e acompanhar todas as lives possíveis, em especial a de Bell”, conta ele.

Prejuízos

A suspensão da festa também vai trazer um impacto negativo na economia. De acordo com dados da SEI, divulgados na segunda-feira, a estimativa é a de que cerca de R\$ 1,7 bilhão, provenientes de gastos dos foliões, deixem de circular na cidade. (Leia mais na página B2)